

Não estamos no comando - 02/03/2018

Daniel Wegner articula a tese de que a vontade consciente é um truque da mente[i]. Segundo ele, a mente é conhecida por pregar peças. Isso quer dizer que as nossas ações podem não ser _causadas_ por nossa vontade e, que desse jeito, a mente exerceria uma autoridade aparente. Apesar do espanto, já que quase todos nós cremos que a mente é uma força ativa, um “motor de vontade”, a vontade consciente, na verdade, não nos revela como nossas ações são causadas e, daí o truque: embora a mente não seja responsável por nossas ações ela “faz com que acreditemos” que sim, ela está no comando. O esquema abaixo ilustra a experiência da vontade consciente onde o caminho real mostrado pela seta amarela é inconsciente, ao passo que acreditamos haver um pensamento que leva a ação (seta roxa), quando eles seriam causados por eventos inconscientes (setas verdes).

[](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEiY775w-tL2jjU05Af5NDp1t5nZVf6jsrqMkp476U5nhjuv0qHaewvTq8sMYinUUTzisSvDEhDJKJQ8MfMytq0fAfH0zzL01syRTg7XVaOWc43k1iZCsWQy5hW6GWij0Gfs5qe77od2044/s1600/minds+trick.png)

Essa experiência consciente é formulada por Wegner como a Teoria da Causação Mental Aparente, que se vale dos princípios de: 1) prioridade \- quando um pensamento ocorre na consciência logo antes de uma ação, 2) consistência \- quando esse pensamento é consistente com a ação e 3) exclusividade - não há uma causa alternativa acompanhando a ação. Não entraremos nos detalhes desses princípios e de por que eles causariam uma vontade ilusória, mas, para Wegner, é a partir deles que nos imputamos a autoridade sobre nossas ações e experimentamos uma suposta vontade consciente.

O que nos interessa no artigo de Wegner, além da proposta de colocar em dúvida essa relação que seria indiscutível para quase todos nós, são dois tópicos que veremos a seguir. Porém, mostraremos antes, de posse da ilusão da vontade consciente causadora da ação, alguns estudos que, segundo Wegner, explicariam casos estranhos em que há um desencontro entre vontade consciente e ação. Focaremos nos estudos neurocientíficos, como os de Penfield, através dos quais pacientes conscientes sofriam estímulos elétricos no córtex cerebral que provocavam movimentos que eles diziam não terem feito, reduzindo a importância

da vontade consciente como causa da ação[ii]. Além desse, destacamos os experimentos de Benjamin Libet que fornecem mais provas de que a vontade consciente pode ser uma experiência que não corresponde à causação. No movimento espontâneo e intencional dos dedos, Libet descobriu que um potencial de prontidão cerebral (PPC), gravado no couro cabeludo, precedeu o movimento em um mínimo de 550ms. Isso _apenas_ indica que algum tipo de atividade cerebral precede, de forma confiável, o início da ação voluntária. No entanto, ao recordar a posição de um relógio em sua consciência inicial de querer movimentar o dedo, os participantes verificaram que ela se seguiu ao PPC por 350-400ms. Então, embora a intenção consciente precedesse o movimento dos dedos, ela ocorreu bem depois de qualquer evento cerebral que o PPC indicou.

[!](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEgIZhSQj3C9wknLUANJ5MM7xsNF8t9o8BfDMzg8-1NRK6LqqLxnv9UnG1KdTMij5B7CHbkrbVEUFVsto6GVcb16SNcsmX0kE0dYRUInpa_eLt9RkLOn1dpsZfMbmrrj6LnzoKQIrAhfckxY/s1600/Libet.png)](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEgIZhSQj3C9wknLUANJ5MM7xsNF8t9o8BfDMzg8-1NRK6LqqLxnv9UnG1KdTMij5B7CHbkrbVEUFVsto6GVcb16SNcsmX0kE0dYRUInpa_eLt9RkLOn1dpsZfMbmrrj6LnzoKQIrAhfckxY/s1600/Libet.png)

Evaluation Warning: The document was created with Spire.Doc for Python.

O primeiro ponto que gostaríamos de ressaltar é que Wegner usa os termos mente e cérebro indiscriminadamente: “you think of doing X and then do X – not because conscious thinking causes doing, but because **other mental processes** (that are not consciously perceived) cause both the thinking and the doing.” (p. 65, grifo nosso em processos mentais) e “This finding suggests that the experience of consciously willing an action begins **after brain events** that set the action into motion.” (p. 66, grifo nosso em eventos cerebrais). Isso fica ainda mais claro na legenda da figura 1: “and these unconscious mental events might also be linked to each other directly or through yet **other mental or brain processes**.” (p. 66, grifo nosso). Esse ponto é importante para uma teoria epifenomenalista da Filosofia da Mente, o que parece não ser a preocupação de Wegner, muito embora a desmistificação da vontade consciente já seja um passo importante. Mais ainda, Wegner cita “os processos causais atuais”, representados pela seta verde na primeira figura, que indicam que a vontade se origina de processos inconscientes e não refletem a percepção da consciência causando a ação. Inferimos que a consciência causa a ação sem saber do caminho real.

O segundo ponto é a referência que Wegner faz a Hume. A inferência, acima citada, seria causada pela nossa percepção de causalidade. Este sim, um

argumento filosófico no sentido de que nos “acostumamos” com a percepção de causalidade que acompanha os eventos no mundo. Ou seja, primeiro vemos, recebemos um estímulo e depois _aparece uma consciência_. Esses dois pontos se referem tanto a uma suposta ordem de precedência entre cérebro e mente, no tempo, como que hierarquicamente a partir da superveniência de um sobre o outro, etc. Dados esses que podem nos dar subsídios para as pesquisas do Epifenomenalismo.

* * *

- [i] Wegner DM. The mind's best trick: How we experience conscious will. Trends in Cognitive Science. 2003;7 :65-69. In:
https://scholar.harvard.edu/files/dwegner/files/minds_best_trick.pdf
(Fornecido pelo prof. Osvaldo Pessoa em junho/2016)
- [ii] Esse ponto é importante para estudos futuros de Epifenomenalismo.

Evaluation Warning: The document was created with Spire.Doc for Python.